

Presidente
Herbert Victor Levy

Luiz Fernando Ferreira Levy
Paulo Roberto Ferreira Levy
Luiz Fernando Cirne Lima

GAZETA MERCANTIL

Quarta-feira, 4 de dezembro de 1991

DIRETORIA
Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy
Diretores Vice-Presidentes
Henrique Alves de Araújo
Roberto Müller Filho
Roberto de Souza Ayres
José Andretto Filho

Página 4

A visita do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, a Brasília durou menos de 24 horas, mas foi extraordinariamente proveitosa para as relações entre nosso país e aquela importante instituição financeira multilateral.

A primeira razão do proveito foi o próprio fato da vinda de Camdessus ao Brasil. Essa escala não estava prevista quando ele deixou Washington no dia 24 de novembro, com um roteiro que incluía apenas o Uruguai, a Argentina e o Chile.

A alteração improvisada do programa do diretor-gerente do FMI foi em si uma deferência especial.

O motivo da decisão de última hora — receber a carta de intenções que o governo brasileiro apresenta ao FMI a fim de que esse julgue a correção das diretrizes de política econômica adotadas — é igualmente significativo. Ele traduz uma evidente simpatia do principal executivo do Fundo para com os propósitos escritos na carta brasileira e também para com a equipe e a orientação do ministro da Economia Márcio Marques Moreira.

O principal fruto do episódio, porém, será colhido no campo das atitudes posteriores. Líderes do Congresso Nacional que jantaram

Hora propícia ao acerto externo

Dúvida ext

com Camdessus, na noite de domingo, expressaram a compreensão de que não só um acordo com o Fundo será muito importante para o Brasil, como também de que esse acordo poderá ser realizado sem sacrificar a soberania nacional e as atribuições do Poder Legislativo.

Não se pode esquecer de que caberá ao Congresso aprovar todas as medidas essenciais ao cumprimento das metas de estabilização contidas na carta de intenções e que isso naturalmente só poderá ocorrer se os parlamentares estiverem convencidos de que tais diretrizes não foram impostas ao governo por interesses externos.

Camdessus fez questão de assegurar isso aos parlamentares ao declarar que “o FMI não impõe nada”. Por seu lado, o senador mineiro Ronan Tito, do PMDB, expressou adequadamente o sentimento dominante entre seus colegas, ao reconhecer a existência de uma “nova face do FMI”.

Sem dúvida, o Fundo mudou ao adotar

uma atitude mais colaborativa e menos judicial e severa. O governo brasileiro também mudou muito e agora, mais do que em qualquer outra ocasião anterior, possui uma equipe econômica que acredita na eficácia das diretrizes apresentadas ao FMI e sobretudo na sua realização prática.

Não poucas vezes as relações entre o Brasil e o Fundo foram marcadas, de um lado, pela insensibilidade total e, de outro, pela hipocrisia flagrante. O Fundo exigia um desempenho que o Brasil não estava disposto a realizar, e este prometia o que, sabidamente, não iria cumprir.

É muito promissor que o salto qualitativo operado no plano político, envolvendo a direção do Fundo, o governo federal e o Congresso, ocorra precisamente agora, quando excelentes notícias nos chegam do “front” financeiro internacional.

Neste instante, os níveis de juros praticados no mercado mundial situam-se abaixo dos 5% ao ano — o que torna o serviço da dívida

brasileira substancialmente mais leve. Dificilmente seria possível desenhar uma circunstância mais propícia do que a atual para negociar com credores internacionais.

É claro que o nível baixo dos juros é um reflexo da recessão econômica que atinge principalmente os Estados Unidos e a Inglaterra e, por consequência, prejudica as nossas exportações.

Não é recomendável, porém, que o País continue vivendo a síndrome da má notícia e deixe de observar as vantagens que a queda do custo do dinheiro traz para uma nação devedora, como é o nosso caso.

Da mesma forma não se sustenta o sólido mau agouro de que o Brasil esteja condenado a viver sempre com inflação alta e não seja capaz de chegar ao final do ano que vem com um índice mensal de preços de apenas um dígito.

Ao contrário, há sólidos indícios de que a tendência declinante da inflação observada em novembro se reafirme em dezembro, mostrando a força desse vetor.

Com toda a certeza, Michel Camdessus não veio repentinamente ao Brasil por achar que o País não tem alguma solução visível no seu horizonte.